

As mudanças climáticas, o marco temporal e a vida



Por GERSON ALMEIDA*

O Marco temporal aprovado pela maioria da Câmara dos Deputados deve ser entendido como mais uma demonstração da intolerância do neoliberalismo

Em fevereiro deste ano, o litoral de São Paulo sofreu com as maiores chuvas já registradas na história no país em 24 horas, e Bertioga as chuvas alcançou incríveis 683 mm, de acordo com o Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet). Os imensos deslizamentos ocorridos na região tiraram a vida de 64 pessoas em São Sebastião e a massa de terra destruiu tudo aquilo que encontrava no seu caminho.

Sete meses depois, a população da cidade do Rio de Janeiro suportou um calor de 41,1 °C e uma sensação térmica de 58,3 °C – algo que não ocorria desde 2009; enquanto no sul do país choveu o “triplo e o quádruplo da climatologia normal para o mês de setembro”, segundo a MetSul, e cidades como Muçum, foram totalmente destruídas.

Eventos climáticos extremos como esses não estão mais limitados a nenhum continente ou região e tendem a ficar cada vez mais intensos, como é possível perceber a partir dos dados divulgados pelo *Climate Reanalyzer* da Universidade do Maine (EUA), que registraram um aumento espantoso das temperaturas nos polos da Terra. Em partes da Antártida foram registradas temperaturas de 40°C acima do normal e 30°C acima da média no Ártico, o que fez Antártida ficar 4,8°C mais quente, em média, do que a temperatura de referência entre os anos 1979 e 2000.

Ao analisar esses dados, o reconhecido cientista do Centro Nacional de Pesquisa Atmosférica dos Estados Unidos (NCAR), Kevin Trenberth, concluiu que esses eventos extremos já podem ser considerados como o “novo normal”.

A combinação do aumento das temperaturas nos polos da Terra e a diminuição das áreas cobertas pelas florestas tropicais são determinantes para acelerar o desequilíbrio das temperaturas e a consequente ocorrência de eventos extremos. As emissões das florestas, por exemplo, cumprem a função de esfriar o clima e “derrubando as florestas, acabamos com este efeito esfriador, e aumentamos o aquecimento global”, segundo o físico Paulo Artaxo, do Instituto de Física da USP. Entender isso torna mais fácil compreender a razão pela qual estamos diante de uma das piores secas jamais ocorridas na Amazônia, enquanto no Sul temos chuvas inéditas.

Marco temporal

É exatamente neste momento que a maioria na Câmara dos Deputados aprovou o projeto de lei sobre o marco temporal da ocupação de terras por povos indígenas (PL 490/07). Esse projeto restringe a demarcação de terras indígenas àquelas tradicionalmente ocupadas por esses povos em 5 de outubro de 1988, data da promulgação da Constituição federal e impede o reconhecimento de que qualquer área que não estivesse ocupada antes desse marco temporal, de ser reconhecida como dos povos originários, independentemente da causa.

a terra é redonda

Além disso, o projeto prevê a permissão para plantar cultivares transgênicos em terras exploradas pelos povos indígenas; a proibição de ampliar terras indígenas já demarcadas; adequação dos processos de demarcação em curso às novas regras; e a nulidade da demarcação que não atenda a essas regras.

O projeto é tão abjeto que a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib), o caracterizou como evidente “violação do Direito Originário dos Povos Indígenas”, que é reconhecido desde o Brasil Colônia. “É uma tradição do direito brasileiro, com disposições semelhantes na primeira Lei de Terras do ano de 1850 e nas Constituições de 1934, 1937, 1946 e 1967”. Em outras palavras, o “desenvolvimento” defendido pela atual maioria na Câmara de Deputados é um retrocesso ao período anterior ao Segundo reinado, sob Don Pedro II.

Enquanto os modelos de aquecimento global eram apenas projeções para o futuro próximo, a incapacidade das elites com poder decisório de realizar as ações necessárias para evitar o aquecimento global poderia ser interpretada como uma espécie de síndrome de São Tomé, o santo católico que só acreditava naquilo que conseguia ver.

Agora, todos estamos vendo que os modelos apresentados pelos cientistas do clima só erraram em um único ponto: os eventos extremos estão ocorrendo numa escala maior e mais cedo do que foram previstos. Isso, no entanto, não impede que mais recursos e esforços sejam destinados à fabricação e desenvolvimento de tecnologias para a guerra, do que para proteger as milhões de pessoas que estão sendo duramente atingidas pelas consequências do aquecimento global.

A civilização que produziu uma tecnologia para viver

Ao invés de atacados, os povos originários deveriam ser vistos como fonte de aprendizado sobre como construir uma civilização capaz de aprender a conviver em interação com as florestas e constituiu a sua identidade sem precisar cindir cultura e natureza. Diante da aceleração dos problemas ambientais para níveis alarmantes e das desigualdades sociais que condenam milhões de pessoas a viverem em situação cada vez mais precárias, não é mais racional identificar a realidade do mundo atual como o triunfo da civilização contra a sua negação, a barbárie.

Os conquistadores de outrora e os seus sucedâneos na atualidade sempre se autodefiniram como os portadores da “civilidade” e, assim, legitimaram a destruição de culturas e civilizações diferentes ao longo da história. Nos dias de hoje, essa retórica beneficia apenas o 1% dos hiper-ricos da população, cuja causa única é a defesa de um modelo de sociedade que interessa a eles mesmos. Tanto que, apenas na última década, concentraram 50% da riqueza mundial, segundo a Oxfam.

Quando os defensores do capitalismo dominado pela financeirização fala em “liberdade”, se referem tão somente às medidas necessárias para “libertar” o capital de qualquer controle por parte do Estado e/ou da sociedade e, assim, dar curso à sua natureza destrutiva. Essa necropolítica não tolera a diversidade e precisa sabotar permanentemente toda forma de democracia e não titubeiam em desestabilizar governos que fogem do seu controle e de financiar golpes, basta para isso que os 1% dos muito-ricos sintam que seus interesses correm riscos.

A concentração de tanta riqueza e poder nas mãos de tão poucos é a principal razão da sabotagem de todas as formas de democracia em curso no mundo. Uma ordem tão hipertrofiada só pode ser mantida por meio da negação de tudo aquilo que é diferente e possa desnudar a legitimidade de uma sociedade que, em nome da civilização e do progresso conduz aceleradamente a humanidade para a barbárie.

O Marco temporal aprovado pela maioria da Câmara dos Deputados deve ser entendido como mais uma demonstração da intolerância do neoliberalismo para com tudo que pode produzir alternativas e um ato de fúria contra a civilização que desenvolveu a mais imprescindível das tecnologias: a de como preservar a vida.

*Gerson Almeida, sociólogo, ex-vereador e ex-secretário do meio-ambiente de Porto Alegre.

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

[CONTRIBUA](#)

A Terra é Redonda